13-VII-1969

CMP 1.2.2.78

Últimas homenagens ao poeta, na praça do Mausoléu, Ibirapuera

Música e poesia nos funerais de Guilherme

"Agora, é o silencio. É o silencio que faz a ultima chamada. E é o silencio que responde: "Presente!" — O silencio chamou o poeta que escreveu estes versos. E ele respondeu: "Presente!" Guilherme de Almeida é cantado, agora, pelos versos que ele mesmo escreveu, no Mausoléu do Soldado Constitucionalista de 1932, onde foi sepultado ontem às 11 horas.

A "Oração ante a ultima trincheira", o soldado Guilherme de Almeida escreveu aos que tombaram na Revolução de 32, defendendo São Paulo. Nesse momento, é o corpo do ex-combatente que está sendo sepultado debaixo dos seus próprios versos, das suas próprias palavras, da sua própria "Oração".

E junto com a lembrança dos que tombaram nos campos de batalha, como na sua "Oração" ele mesmo "será a grande asa tutelar de São Paulo — asa que é dia e noite e sangue e estrela e mapa, descendo, petrificada, sobre um sono que é vigilia".

Seu corpo está no mesmo lugar, junto com as cinzas dos "herois — mártires, plantados, firmes, para sempre, neste santificado torrão de chão Paulista".

O primeiro

Seu tumulo, cova rasa, sob lápide, é o primeiro e unico do Mausoléu do Soldado Constitucionalista. Está no lugar que fôra destinado ao corpo do general Marcondes Salgado, comandante da Força Publica durante a Revolução de 1932, morto em combate. Em 1956, numa homenagem póstuma do MMDC ao comandante Salgado, seu corpo que estaria embalsamado no Cemiterio São Paulo, seria trasladado para o Mausoleu. Mas, fôra tudo um engano. Do seu corpo só restavam cinzas, que foram colocadas num relicário, junto as dos soldados da Revolução.

O poeta e soldado Guilherme de Almeida, o primeiro constitucionalista que foi sepultado no Mausoléu, diretamente após sua morte, ocupa o espaço destinado aos grandes herois do Movimento de 1932.

Percurso

Da Academia de Letras foi levado ao Mausoléu por um carro do Corpo de Bombeiros, escoltado por guarda de honra formada por lanceiros da Força Publica.

Seu esquife foi carregado até a porta do Mausoléu pelo governador Abreu Sodré, pelo general José Canavarro Pereira, comandante do II Exercito, pelo padre Eliseu Murali, capelão das forças revolucionarias de 1932, por parentes e amigos.

Secretarios de Estado, autoridades municipais, artistas, crianças, foram levar seu ultimo adeus a Guilherme de Almeida, sepultado com honras militares.

A's 10 e 30, depois de 3 salvas e da marcha funebre, os soldados do Departamento de Policia Militar, da Força Publica, cantam o seu hino, letra de Guilherme de Almeida.

Música e poesia

A Banda do Batalhão de Guardas executa o Hino da Força Publica.

"Poeta de meu São Paulo" — irrompe a voz de Paulo Bonfim, quando a musica pára. Porta-voz das grandes causas/Marcha soldado paulista/Para a Ultima Trincheira!/Com capacete do Ideal,/Com versos em teu fuzil,/Com o verbo em tua espada,/Com glorias em teu bornal,/Com altivez em teus passos/E eternidade no olhar!/Marcha Guilherme Paulista,/Sem transigencia nos ombros,/Sem concessão na consciencia,/Sem remorso na palavra,/Sem servilismo no gesto,/Sem sorriso aos poderosos,/Sem medo no pensamento!/Aqui teus mortos te aguardam/No coração de São Paulo,/Aqui Poeta Paulista,/E' tua "Ultima Trincheira"!

O poema foi escrito por Paulo Bonfim de madrugada.

O final

Entra a Canção do Expedicionario, executada pela Banda do 4.o RI de Quitauna, onde Guilherme de Almeida serviu o Exercito. A letra é do poeta.

Novo silencio. Paulo Bonfim declama, agora, a "Oração ante a ultima trincheira", do poeta Guilherme de Almeida.

Rufam tambores.

D. Agnelo Rossi, cardeal-arcebispo de São Paulo, dá as ultimas bençãos:

— Que os anjos te conduzam ao Paraiso. Alma de Guilherme de Almeida, descansa em paz, Amem.

O esquife é conduzido para dentro do Mausoléu do Soldado Constitucionalista de 1932.

"Deserto Rosso" ... ser exibido

A estória

...Richard Harris), en... ...nas, vai á cidade ... auxilio a um ...ção de tra... ...onia, on... ...nstruir ...cer ... ainda alguma autobio... ...côr mesma que al... ...contrá-la. As co... ...fascinaram. Eu ...n cores. So... ...s em que

...da côr pela primeira vez (o filme é anterior a "Blow Up"): "a côr, na vida moderna, tem um significado e uma função que não possuia no passado. Estou convencido de que dentro de muito pouco tempo o preto e branco tornar-se-ão peças de museu. Neste filme, mais do que em qualquer outro, voltei-me para o mundo interior. Narrei a ...oria como se ela tivesse acontecido diante dos meus olhos.